

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JULHO/2004 - ANO VIII - Nº 90

EDITORIAL

Com a aproximação das eleições municipais é necessário que os eleitores façam uma consciente escolha dos candidatos, observando seu comprometimento com as questões ambientais, questionando sua capacidade para resolvê-las. É preciso que ele seja comprometido com a causa ambiental, assumindo a responsabilidade e a determinação de priorizá-la.

A próxima administração deverá voltar os olhos para os ribeirões do município e se conscientizar de que o desrespeito e a falta de visão prejudicarão, num futuro próximo, toda a nossa sociedade.

Como pensar em Turismo – promessa constante de todos os candidatos – quando faltam políticas voltadas para o saneamento básico e para nossos rios, que estão morrendo, asfixiados pelo esgoto doméstico lançado em suas águas?

A falta de saneamento básico é, hoje, um dos principais problemas da maioria das cidades brasileiras, que, não dispondo de rede coletora e tratamento de esgoto, o jogam diretamente nos corpos d'água. É o que ocorre em Piquete. Ao longo de décadas, não houve investimentos no setor e a situação tende a se agravar com o crescimento da população. É preciso um grande investimento para sanar essa situação e, assim, salvarmos o Rio Piquete. A implantação da captação e tratamento do esgoto municipal domiciliar, antes de seu lançamento nos rios, deverá acontecer de imediato.

Outros importantes fatores são a destruição das matas ciliares, a falta de planejamento urbano com conseqüente crescimento desordenado da cidade, o que concorreu para o assoreamento do Ribeirão Benfica, atualmente com um terço do volume de décadas passadas.

Esperamos que o próximo prefeito implemente programas voltados para o meio ambiente, de maneira que seu sucessor possa continuá-los, pois, sabemos, os problemas ambientais não serão sanados em uma ou duas administrações, mas sim com um longo e contínuo trabalho.

A questão financeira é um entrave, diriam os mais céticos. Isso não é verdadeiro. O financiamento dos governos federal e estadual, além do de vários órgãos internacionais, é realidade, e pode ser obtido com projetos bem elaborados. Bastam vontade e articulação políticas bem conduzidas.



Em 20 de julho de 1969, pela primeira vez o homem põe os pés na Lua, abrindo novos caminhos para a corrida espacial. Na foto, os astronautas Armstrong, Aldrin e Collins.

Há 35 anos o homem chegava à Lua

No dia 20 de julho de 1969, o americano Neil Armstrong deixou o módulo lunar da nave Apollo 11, para imprimir a primeira pegada humana na superfície da Lua.

Transmitida ao vivo pela televisão, assistida por um bilhão de pessoas em todo o mundo, a mais marcante conquista espacial de todos os tempos serviu para mostrar a capacidade criativa e inventiva do ser humano.

Esse pouso histórico tornou real um sonho que havia muito acompanhava a civilização. Usando roupas especiais e caminhando como em câmara lenta sobre a misteriosa superfície do único satélite da Terra, Armstrong e seu companheiro Edwin Aldrin instalaram equipamentos, coletaram pedras e outros sedimentos. Bateram um papo com o então presidente americano Richard Nixon e, claro, plantaram a bandeira dos Estados Unidos onde antes se acreditava ser território exclusivo de São Jorge, seu cavalo e o dragão.

Foram anos de estudos, planejamentos e gastos de bilhões de dólares que antecederam o instante épico dos astronautas Armstrong e seus companheiros Aldrin e Collins. Envolveu milhares de profissionais, centenas de universidades e, pelo menos, vinte mil indústrias de ponta. A grande parte das tecnologias desenvolvidas para viabilizar a missão Apollo acabou incorporada ao dia-a-dia de

nossas casas – como a fibra de vidro, o teflon das frigideiras, os computadores pessoais e a miniaturização dos equipamentos eletrônicos, gerando uma síndrome de “eurecas” que, a cada ano, criava uma infinidade de novos materiais e equipamentos.

No início da corrida espacial, em 1961, cheio de espanto, o russo Yuri Gagarin, o primeiro homem a atravessar os limites da estratosfera, exclamou “A Terra é azul!”. Sete anos mais tarde, o comandante da Apollo 8, Frank Borman, olhando a Terra do espaço, assim se expressou: “A boa Terra nos aparece pequenina e linda, um oásis de vida na desolada solidão do espaço”. Quando da chegada do homem à Lua, ao tocar o solo lunar, Armstrong exclamou: “Este é um pequeno passo para um homem, um grande salto para a humanidade”.

As viagens espaciais, entre as inúmeras descobertas e avanços científicos, serviram para nos alertar da fragilidade do planeta Terra e de nossa pequenez em relação ao universo; daí nossa responsabilidade para preservar o pequeno Planeta Azul, conscientizando-nos da importância de proteger as florestas, preservar mares e rios, evitar o desperdício, vigiar as indústrias, limpar a atmosfera, combater a miséria... O grande desafio é alcançar o desenvolvimento sem destruir.

Imagem - Memória

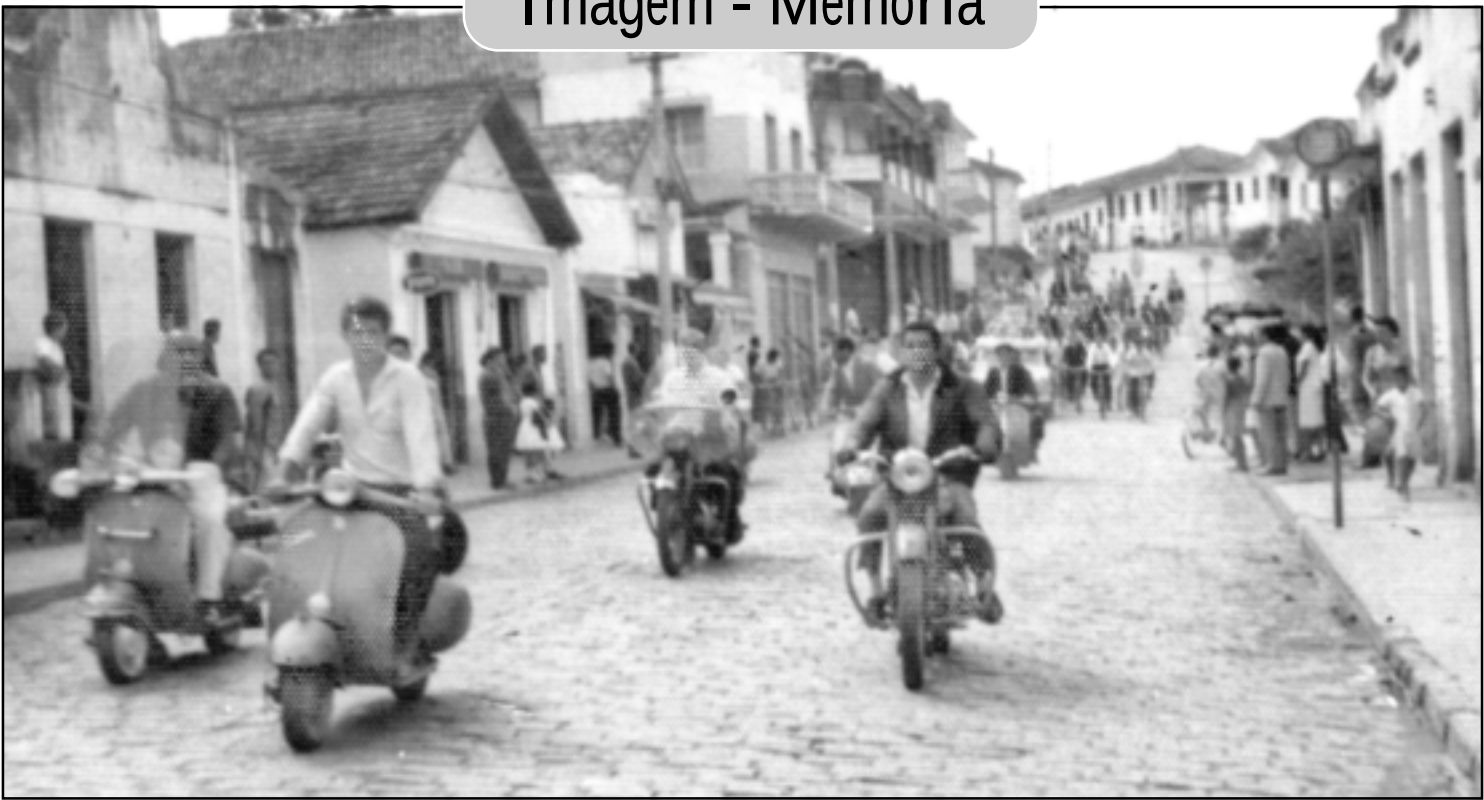


Foto arquivo Pro-Memória

Passagem da Romaria Padre Juca pela Rua do Piquete, quando de seu retorno à cidade. Iniciada em 1959, tornou-se tradição na Cidade Paisagem.

A Romaria Ciclística Padre Juca

As romarias a Aparecida do Norte são uma das mais fortes expressões da religiosidade valeparaibana. Desde o aparecimento da imagem milagrosa de Nossa Senhora da Conceição nas águas do Rio Paraíba do Sul, em 1717, ela tem atraído crescentes multidões de devotos.

Piquete sempre foi lugar de passagem de peregrinos mineiros, que, vindos de distantes regiões das Alterosas, desciam e descem a Mantiqueira em romaria, dirigindo-se ao santuário de Aparecida.

A pé, a cavalo, em caminhões e ônibus, de bicicletas e motos percorrem, anualmente, esse caminho da fé.

O piquetense, católico e devoto de Nossa Senhora Aparecida, periodicamente vai, em romaria, visitá-la em seu Santuário.

Uma das nossas mais tradicionais romarias é a de bicicletas. A primeira de que se tem notícia aconteceu em agosto de 1958, organizada por Orestes Rosa, Oswaldo Peixoto, Paulo Lódi e outros. Foi um verdadeiro espetáculo de fé cristã, do qual participaram cerca de 300 homens e rapazes. Saindo de Piquete às quatro horas da madrugada, chegaram ao destino às 10 horas, sendo festivamente recebidos pelo povo, pelos padres redentores da basílica e, para surpresa de muitos, pela Corporação Musical Piquetense, que lá estava para esperá-los. Cumpriram promessas, rezaram bastante... Na volta, saíram de Aparecida às 14 horas, o povo presente na Praça da

Basílica Velha, para se despedir. Vivas foram dados aos romeiros cheios de fé e coragem. Chegaram a Piquete às 19h, sendo recebidos na Praça da Bandeira pela Banda e pelo povo, que os ovacionou com alegria, muitos fogos e vivas a Nossa Senhora Aparecida. A emoção tomou conta de todos os presentes.

Devido ao sucesso dessa romaria, no ano seguinte, por iniciativa dos senhores Dr. José Camargo Neto, Orestes Rosa, José Ambrósio, Antônio Clemente, Manoel Ribeiro dos Santos Filho e Paulo Lódi, foi organizada uma nova romaria de bicicletas que recebeu o nome de “Romaria Padre Juca”, merecida homenagem ao padre que fora assassinado em dezembro de 1957, em Cachoeira Paulista, e que, por muitos anos, esteve à frente da Paróquia de São Miguel, muito querido por todos. Padre Juca organizava, com muita devoção e piedade, grandes romarias de paroquianos piquetenses, que, de trem, se dirigiam a Aparecida.

Assim, após os preparativos, no dia 1º de agosto de 1959, a “Romaria Ciclística Padre Juca” partiu de Piquete, às 5h30min, rumo a Aparecida. Pelas ruas de Lorena e Guaratinguetá, por onde passavam, eram ovacionados. Chegaram ao destino, em frente à basílica de Aparecida, às 9h30min. Levavam à frente uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, cuidadosamente ornamentada e adaptada em um jeep do Sr. José Ferreira, fazendeiro da cidade.

Acompanhavam a romaria 130

bicicletas, além de jeeps, lambretas, caminhões e automóveis, calculando-se cerca de 800 romeiros. O regresso dos romeiros a Piquete deu-se às 18h30min. Foram recebidos com fogos. Além de milhares de fiéis, também os esperavam os Congregados Marianos e a Cruzada Eucarística. Vários oradores se fizeram ouvir. Abrilhou essa festa religiosa a Corporação Musical Piquetense, a cargo do Maestro Carlos Vieira Soares.

Ainda hoje, tradicionalmente, no mês de agosto, com o mesmo entusiasmo, devoção e fé, centenas de ciclistas piquetense se dirigem ao santuário mariano de Aparecida.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Apoio cultural: Fazenda Mundo Novo I

Tiragem: 1000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE**Renato Ramos**

Piquete, como a maioria das pequenas cidades brasileiras, enfrenta grandes dificuldades econômicas, e a falta de opções de emprego é uma das conseqüências dessa realidade. Muitos de nossos jovens, sem perspectivas de futuro, frustram-se por não conseguirem colocações no mercado de trabalho, enveredando, assim, pelas bebidas e pelas drogas.

Portanto, toda iniciativa que venha criar oportunidades de emprego no município é merecedora de aplausos.

É o caso do bem sucedido empresário piquetense Renato Ramos da Silva.

Nascido em 15-09-54, filho de Diocesano Ramos da Silva, o conhecido Joãozinho da Farmácia, e Therezinha de Freitas Fernandes da Silva, Renato vem se destacando com sua empresa de plásticos, a RENAPLAST, num período em que a maioria das empresas enfrenta dificuldades. Renato, empreendedor e dinâmico, inaugurou, há 3 anos, uma nova e bem montada sede para sua empresa, que, até então, desde a sua criação, em 1992, funcionava num galpão da Praça Nove de Julho. A RENAPLAST gera 24 empregos, que significam 24 famílias piquetenses.

Dos pais Renato herdou a tranqüilidade, a discrição e a determinação, que lhe moldaram o caráter.

Os estudos foram feitos na Escola da FPV e no Colégio Estadual Guimarães Rosa, atual Colégio Estadual Leonor Guimarães. Em seguida, cursou faculdade em Taubaté, formando-se Engenheiro Mecânico, em 1980. Foi trabalhar em São Paulo, onde permaneceu por três anos. A oportunidade de se tornar sócio da Empresa de Plásticos Sakashita o trouxe de volta a Piquete, em 1983. Manteve a sociedade até 1991, quando a desfez para criar, em 1992, a RENAPLAST, então com apenas 6 funcionários. A RENAPLAST produz embalagens flexíveis – sacos plásticos e bobinas. Seus clientes são do



Vale do Paraíba, Sul de Minas, Rio de Janeiro e também a IMBEL, para quem vende embalagens para explosivos.

Renato Ramos não é um empresário de ficar apenas em escritórios. Prefere executar várias funções, desde o contato com clientes até a compra de peças para manutenção das máquinas e a análise da produção final.

Em 11-07-1981, casou-se com Selma Maria Prado Nunes, união que lhe deu três filhos: Filipe, Fábio e Daniel. Caseiro, quando o trabalho permite, gosta de passar longas horas com a família.

Perfeccionista e metódico, Renato Ramos enfrentou todas as adversidades comuns a um empresário brasileiro, sempre com força de vontade, forte personalidade e, de acordo com ele, o principal – muito otimismo. Também simpatia, clareza nas palavras, calma, além do entusiasmo pela profissão que escolheu, são marcas desse empresário que é modelo para quem acredita no futuro de Piquete.

A importância do voto consciente

No dia 3 de outubro, o país promoverá, de Norte a Sul, uma grande festa democrática, quando estaremos escolhendo, por meio do voto, prefeitos e vereadores para administrarem os municípios. Esse processo democrático vem sendo aprimorado, nos últimos anos.

É preciso que o eleitor conheça os candidatos, seus antecedentes e capacidade de trabalho, e que cada candidato esteja ciente do seu papel e competência, para o exercício do cargo.

Constatamos que nesse período de campanha todos os candidatos defendem as mesmas idéias e projetos. Diferem muito pouco os discursos eleitoreiros – prometem governar com o povo, redistribuir rendas e gerar empregos, investir em políticas sociais, em educação, em saúde, etc.. Mais recentemente, questões relacionadas ao meio ambiente passaram a fazer parte do discurso de campanha da maioria, sem que, no entanto, eles sequer saibam do que estão falando. Deixam de mostrar ao eleitor como irão executar o prometido.

Todos pautam pelo exercício de um mandato com moralidade e transparência, com combate à corrupção e ao nepotismo. Quando chegam ao poder, no entanto, a população se decepciona. Há, por parte da sociedade, uma imagem negativa a respeito dos políticos. A maioria da população não sabe qual o verdadeiro papel do prefeito e dos vereadores e tem uma idéia errônea passada pelos políticos tradicionais: muitos dos candidatos mantêm com o povo uma relação clientelista, ajudando na resolução de problemas individuais, familiares ou do bairro, e esperando, em troca, o voto dos beneficiados. Esquecem-se de que deveriam trabalhar em prol da coletividade e não de um pequeno grupo. Isto provoca descrença da população pela classe política. Os munícipes afirmam que os políticos não resolvem os problemas da comunidade e, por isso, muitos deixam de participar de discussões ou de ações por eles coordenadas. Desculpam-se afirmando que não são políticos. Na verdade, todos somos políticos. E política fazemos a todo instante, nas ruas e praças, no trabalho, nas igrejas, nas escolas. A não participação no debate político colabora para o crescimento de políticos medíocres e irresponsáveis.

Para transformarmos a sociedade precisamos participar, e é necessário que haja maior engajamento de todos.

A população espera dos eleitos ações que proporcionem para o município crescimento e desenvolvimento com qualidade de vida: saúde, educação, saneamento básico. É importante votar conscientemente, para se escolher entre os candidatos os melhores, pois eles serão os responsáveis pelo destino das cidades, nos próximos anos.

Fachada da RENAPLAST, na entrada de Piquete. A empresa de Renato Ramos gera 24 empregos diretos e vem crescendo com seus constantes investimentos.



Foto arquivo Pro-Memória

Caças e Caçadores

O Ministério da Agricultura, por intermédio da seção de Caça e Pesca, e a exemplo do que faz anualmente, expediu a Regulamentação da Caça em todo o território nacional.

Por essa regulamentação devem os caçadores se orientar no que pode ser caçado e no que não pode, para a preservação da espécie.

Assim sendo, vemos que em nossa fauna existem várias espécies de animais que devem ser poupados, quais sejam: anta, capivara, veado, cotia, irara, tatu, preguiça e outros. Entre os que podem ser abatidos ou que pelo menos não estão resguardados pela Lei temos: quati, porco do mato, saí e outros macacos, onça, mão pelada, etc.

Dentre as aves, também há seleção. Não podemos matar coelho, urubu-rei, garça, gaivota, ema, jacanã, siriema, perdiz. Mas a lei é omissa no que diz respeito ao jacu, inambu, juriti, socó, tucano, coruja, joão-bobo, bem-te-vi e outros.

Sem queremos entrar no mérito do assunto e nem pretender censurar a lei na sua experiente sabedoria, queríamos fazer umas considerações baseadas na comparação com outra espécie de animais que gozam do beneplácito da lei, quando assim não devia ser, pois essa espécie é por demais nociva ao meio em que vive.

Essa espécie pertence ao reino dos “bípedes implumes” e é o que chamamos homem político.

Falamos do político acanhado, que faz da política o seu meio de vida. Falamos dessa espécie de políticos versáteis, despidos de vergonha, que reúnem em si uma infinidade de defeitos jamais encontrados em outros animais.

Ora, devíamos ser coerentes e saber distinguir o bom do pernicioso. Por exemplo, por que podemos matar o tamanduá, que usa sua língua somente para reunir formigas, que são o seu alimento, e deixamos à solta certos políticos que usam esse mesmo órgão para desmoralizar pessoas e desagregar instituições e amizades?

Por que podemos abater o inocente mico, cuja única culpa é fazer micagens, e poupamos certos homens que se aproveitam de suas macaquices para, com sorrisos e trejeitos, engabelar possíveis eleitores?

Por que podemos tirar a vida do pobre porco do mato que, para se alimentar, procura as roças de milho, quando temos homens que invadem impunemente o milharal do erário?

Quem é mais réu de morte? O coitado do socó-boi que, se equilibrando numa perna, fica horas e horas à espera de um peixinho desprevenido, ou o mal intencionado político que fica anos e anos esperando uma oportunidade para conseguir seus inconfessáveis intentos?

Quem é mais culpado? A coitada da coruja, cujo único crime é ser feia, ou o político canalha, que se aproveita da carranca de um adversário para tentar diminuí-lo perante o povo, quando ele próprio não passa de um monstro, moralmente falando?

Principiamos essa crônica com a intenção de fazer pilhéria. Entretanto, sem querermos, ela descambou para um assunto sério, e já que chegou a este ponto, queremos terminá-la com uma advertência:

Cuidado! As eleições se aproximam, e, como piquetenses, não podemos ficar à margem dos acontecimentos. Estamos com a nossa espingarda de caça carregada com uma carga potente que é o nosso voto. Cacemos os falsos piquetenses que, antes de pensar no bem da terra que os recebeu por filhos, pensam nos seus próprios interesses. Três de outubro aproxima-se. É o dia da grande caçada. Não obedeçam o regulamento do Código de Caça e matem com seu voto os urubus-rei que ameaçam nossa terra. Eles são por demais conhecidos. São aqueles que, apavoneados com o lucro de um comércio desonesto, exibem-se de todas as maneiras. São aqueles que se enriquecem no exercício de cargos eletivos. São aqueles que... Bem... Fogo neles!

Do livro “*Rememorando...*”, de Carlos Vieira Soares

Candidato

Como agora se fala em candidatos e eleições, há muita gente que deseja saber o que significa realmente a palavra “CANDIDATO”. Em Roma, quando alguém era pretendente a um cargo público, devia apresentar-se de branco para simbolizar a pureza de suas intenções e a “candura” de sua alma. Era, por este motivo, chamado “candidato” (vestido de branco). E o termo se vulgarizou e ainda hoje chama-se a todo indivíduo que concorre a uma eleição “CANDIDATO”, apesar da maioria não poder vestir-se de branco!

Eleitor, em que perfil você se encaixa?

Eleitor que vota pela tradição

Há tradições legítimas, mas há outras que resultam em atraso e empobrecimento da população. É um voto sem argumentos. O que era bom no passado nem sempre atende às necessidades da atualidade.

Eleitor que vota para pagar favores

Quem vende seu voto vende sua dignidade. Identifique partidos e candidatos que comprem votos. Isso configura crime eleitoral e deve ser denunciado.

Eleitor que vota no mais forte

Muitas vezes, candidatos mais fortes ou que têm mais dinheiro são fruto apenas de propaganda. Procure conhecer melhor seu passado e suas intenções.

Eleitor que vota na aparência

Lembre-se: “nem tudo que reluz é ouro”. As aparências enganam.

Eleitor que vota influenciado por cabos eleitorais

Procure ajuda para conhecer melhor seu candidato. Porém, não se deixe levar apenas por anúncios e elogios de cabos eleitorais.

Eleitor que anula seu voto ou vota em branco

Essa atitude contribui apenas para a manutenção da situação. Se você deseja mudanças, não abra mão de seu voto.

Eleitor consciente

É aquele que valoriza seu voto. Escolhe seu candidato após análise de sua trajetória de vida, questiona seu programa de governo, vota pensando no futuro de sua comunidade e, principalmente, após as eleições, cobra ações dos eleitos.

O Analfabeto Político

O pior analfabeto é o analfabeto político.

Ele não ouve, não fala, não participa dos acontecimentos políticos.

Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio depende das decisões políticas.

O analfabeto político é tão burro, que se orgulha e estufa o peito, dizendo que odeia a política.

Não sabe que de sua ignorância nasce a prostituta, o menor abandonado, o assaltante e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, o corrupto e o explorador das empresas nacionais e multinacionais.

Berthold Brecht, 1898 - 1956

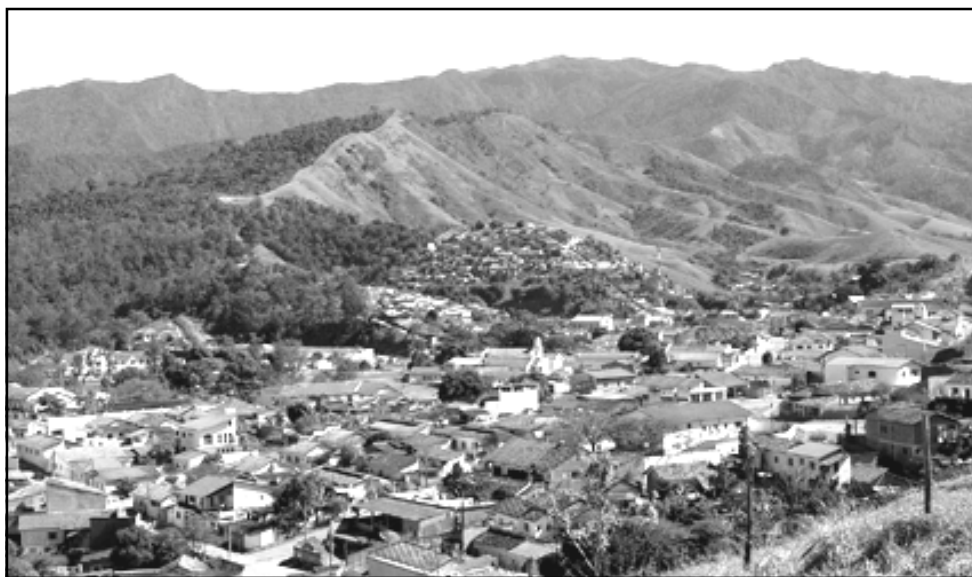


Foto arquivo Pro-Memória

“Os morros, cada vez mais povoados, relatam nos vários andares das construções os níveis do aumento populacional e dos rendimentos disponíveis.”

Olhar Piquete

Olhar Piquete do alto do morro do cemitério é importante, porque dá a dimensão da cidade e permite reconstituir a sua história.

Assim, o campo santo, lugar de memória, cumpre plenamente suas funções.

A visão completa mostra todas as direções coordenadas pelo fundo do vale principal, eixo da bacia hidrográfica que se desenha pelos vales dos rios e riachos tributários.

Ao fundo, os picos e os vértices agudos dos pontos mais elevados exibem as vertentes dissecadas, isto é, modificadas pela erosão, percorridas pelos vales de aberturas estreitas, configurando os fácies elaborados, morfoclimatizadas pelas erosões tormentosas das chuvas de verão. Nos sopés, o rolar das pedras conta uma história física dramática, no embate das fortes catadupas que abrem as voçorocas e demandam cuidados.

Os morros, cada vez mais povoados, relatam nos vários andares das construções os níveis do aumento populacional e dos rendimentos disponíveis. Apresentam-se harmonizados pela disposição e arquiteturas: muitas janelas e avarandados. Além de algumas árvores e arbustos floridos no compasso das estações.

Dá para entender o nome apostado à cidade no passado —“cidade presépio”—, hoje preferido por “cidade paisagem”. Quem usou a expressão “presépio” estava referenciado nos tradicionais arranjos da cena natalina do estilo napolitano difundidos entre nós desde tempos muito passados. O modelo europeu italiano dessa representação marcou mais a memória, mesmo nas idealizações mais simplificadas daqueles presépios domésticos que animavam as casas das antigas famílias piquetenses.

Visitar os presépios era uma obrigação social e um rito de homenagem aos donos da casa. Geralmente, um doce, um café, ou simples copo com água constituíam uma retribuição louvada. O Deus-lhe-pague ao final da degustação geralmente não faltava. Um licorzinho também costumava circular

como cordialidade bem recebida e, pelo apurado do gosto, o elogio, mas também o pedido da receita.

As relações eram muito mais naturalizadas e, de tão simples e honestas, deixavam em tudo uma aura de paz. Talvez seja isto a felicidade.

Olhando o recorte serrano coberto de brumas num meio de tarde garoenta, é bom lembrar-se disso no alto do morro da quietude. Mas, também, tendo por algumas lápides, fotografias associadas de pessoas a me olhar, congeladas no tempo da eternidade, como que dizendo: Tenho minha história, sou prova testemunhal dessa atuação vislumbrada. Procure reconhecer em cada desvão, em cada esquina, beco, rua, morros, o que tem sido feito, com tempos cronologicamente demarcados, mas em escala contínua, porque nada se interrompe.

Há marcos e marcas. Indeléveis ou visíveis. Aparentes ou declarados. Que podemos reconstruir.

Lá na acomodação dos vales mais amplos da derivação do ribeirão Benfica, uma origem procura denunciar-se como marca, marco de posse, ou sugestão inquietante. Nos claro-escuros dos ângulos de luz circundados pelas brumas, a luta contínua de um povo que se gestava em buscas, trabalhos, perfídias, graças esperadas e hierarquias.

Fico feliz em ter realizado o curso de Geografia, que me permitiu ler nas construções geomorfológicas o sentido da realização da cidade em que localizo o meu berço e minhas maiores aspirações. Que o destino lhe seja cumprido pelos votos de seus fundadores que, um dia, ao ver sua Vila Vieira do Piquete ser guindada ao posto de município e depois de Cidade do Piquete, passaram a chamar-se uns aos outros, cheios de entusiasmo, de cidadãos, ou seja, protagonistas conscientes do pleno uso da expressão cidadania. Nas atas da Câmara Municipal lê-se que eles lutaram por isso, por abnegação, por propósito e firme vontade. Doavam seus serviços e estavam plenos de seus direitos em igualdade a seus deveres. **Dóli de Castro Ferreira**

Programa Universidade para Todos

Laura Cristina Chaves

Os números não deixam dúvidas. Qualquer reserva de cotas não passa de paliativo se identificarmos quem, de fato, ingressa no ensino superior público. O número de excluídos não inclui apenas negros e indígenas. Inclui, na verdade, a maioria da população. Dados do Censo Inep/Mec 2002 revelam que, em 1996, o número de matrículas no ensino médio atingia a casa de 1.274.933. Em 2002, esse número chegou a 2.239.544. Isso fez crescer a demanda por uma vaga na universidade. Mas, das 1.637 instituições de ensino superior existentes no Brasil 1.442 são privadas e 195 são públicas. Nas universidades públicas, o número de matrículas é de 1.051.655 (30%), enquanto que as instituições privadas atendem em torno de 2.428.258 alunos (70%). Na rede privada, há em torno de 550 mil vagas ociosas. Nas instituições públicas, a disputa por vaga pode ser de 40 alunos, 20, 18... por vaga. Hoje, apenas 9% dos jovens brasileiros entre 18 e 24 anos conseguem uma vaga no ensino superior.

Tendo como pano de fundo esses números, o Ministério de Educação lançou, em maio deste ano, o **Programa Universidade para Todos**, democratizando o acesso à universidade. Para não se deixar levar pelo impacto do título, é necessário indagar o que se entende por “democratização” e “universidade para todos”? O programa dará conta dessa tal democratização?

Na prática, o programa irá aproximar os setores privados e públicos de ensino superior. Provavelmente, na universidade pública, o ingresso continuará a ser privilégio dos cidadãos brasileiros que já foram privilegiados com uma educação básica de qualidade. Até aí nada de novo. Caberá à instituição privada o resgate dos alunos excluídos pela iniciativa pública. Nada de novo, também. A impressão que fica, então, é que o programa está se aproveitando de uma situação já fortemente consolidada. Seria isso a democratização da universidade?

As instituições privadas formalizarão a adesão por meio de um Termo a ser firmado com o Ministério da Educação. Em contrapartida, ficarão isentas do pagamento do imposto de renda de pessoa jurídica, da contribuição social sobre o lucro líquido, do PIS e da Cofins. Interessante é que para a maioria das instituições privadas esses impostos têm valor insignificante nos seus custos. O maior problema financeiro dessas instituições é com a remuneração dos profissionais e os encargos sociais, para os quais o programa não prevê nenhuma alternativa.

Diante deste panorama, aprende-se uma importante lição: as instituições privadas estão fazendo o dever de casa que caberia às instituições públicas. É na rede privada que estão os alunos de baixa renda. Além disso, é na rede privada que estão os alunos com grandes defasagens no ensino básico e dela que sairá a maioria dos profissionais que estarão no mercado de trabalho daqui a poucos anos. Em nome da democracia?!

Crônicas Pitorescas

Cultura de Bandeja

Palmyro Masiero

Se evitar acidentes é dever de todos, evitar a ignorância também o é, razão pela qual eis-me aqui, nessas mal traçadas, levando cultura a todos, por meio do que aprendi sobre genealogia numa prova cabal de meu desprendimento e completa ausência de egoísmo. Todavia, se vierem me perguntar para o que vai servir isso, aí eu vou mandar caçar sapo, que é melhor, pois a aula é de graça.

Tais conhecimentos recebi de um velhinho autodidata, daqueles que dá vontade da gente ter em casa, num lugar de destaque numa estante de livros: uma enciclopédia que fala numa voz calma, macia e envolvente, integralmente destituída desse pedantismo que certas “avis rara” assumem por excesso de bajulação. Conheci-o quando processava uma pesquisa sobre uma personagem lá do século XIV. Tirantes os dados e pistas que me forneceu esse cara antiquinho, recebi uma aula – sem ser a intenção dele em dá-la, mas minha em recebê-la, por meio de perguntas – a respeito de Genealogia, que considere o maior barato. Vamos, ó alguns ignaros como eu, saber alguma coisa sobre determinados termos nomenclatórios usados nessa “parte da História que trata da indagação da origem e sucessão das famílias”.

O nome, por exemplo: “É nome de pia (ou de batismo) o primeiro nome no registro civil”. Sabiam disso, não? Prossigamos. Em genealogia, o nome completo de um camarada é a reunião de, no mínimo, o nome de pia e o apelido. Por acaso estão pensando que apelido é como chamamos certos íntimos, por parecerem com alguma coisa ou lembrarem outras, como o Trombone, a Rosquinha, o Presunto, o Peru, etc.!? Nada disso, compadre. Apelido é o nome comum a todos os indivíduos de uma família que, de modo errôneo ou não genealógico,

chamamos de sobrenome. Este é o segundo nome que acompanha o nome e se intercala entre este e o apelido.

Falamos atrás que o nome e o apelido são os componentes mínimos do nome completo de uma pessoa. Entretanto, ela pode ter, ainda, o prenome, o sobrenome, o cognome, a alcunha, o agnome, etc..

Vejam tudo, concretamente, com o nome de um cidadão muito conhecido: Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Analisemos, à luz da Genealogia: Alferes é o prenome; Joaquim é o nome de pia ou de batismo; José, o sobrenome; Silva Xavier, o apelido de família; e Tiradentes, o cognome. Moraram na muamba? Existe, ainda, o agnome, que vem em seguida ao nome de batismo, como Isabel, “A Redentora”, e a alcunha, nada mais do que o cognome, porém apontando um defeito: Carlos III, “O Gordo”.

A nomenclatura é vasta e certos termos peculiares a essa arte são interessantes; vou citar alguns e quem estiver interessado nos significados que vá procurar: Agnação, Alcornia, Apodo, Costados, Árvore, Faraute, Pedatura, Progênie, Ramo, etc..

De posse de todos esses importantes conhecimentos, comecei a dar prenomes, nomes, sobrenomes, apelidos, cognomes, etc., a várias personalidades e acabei embatucado. E justamente com o Presidente do Senado. Claro, ora, pois se o pai do homem era conhecido por “Zé do Sir Ney” e por isso o filho virou “José Sarney” e, em cartório, é outro, minha análise estancou no nome de pia: José. O resto eu não sei e não sei se a Genealogia explica. Vou ter que amolar o velhinho, outra vez.

Um lembrete básico sobre o assunto: não confunda árvore genealógica com ginecológica, que você vai pro pau, nego!

Signo de Leão

*Sou mulher-fera domada,
leoa domesticada,
faz diferença, não.
De forno, fogão, cama e mesa,
de uso, fruto e doação.
Que lava, cozinha e passa,
que empalha o sonho e assa o pão.
Que chora, que ri, que reza,
que vive só na pirraça,
que toca a vida na raça,
bichinho de desestimação...
Que pasta às pressas na praça,
ruminando a solidão.*

*Bem previsível e monótona
feito leoa em gestação...
Mas ai, se alguém me provoca,
se me instiga, se me entoca,
esperneio em cima da vida,
de fera domestica,
de leoa prenhe, amansada,
num ato,
viro leão!*

Myrthes Mazza Masiero

Beija-flores de maio

Edival da Silva Castro

Defronte à Associação dos Subtenentes e Sargentos da PM de Lorena, num chapéu-de-sol uma casal de beija-flores construiu o ninho.

Pareceu-me estranho. Fora de época, numa estação imprópria para acasalamento e criação. Foi agora, em meados de maio, outono chuvoso e frio.

O ninho, tamanho da metade de uma bola de tênis, feito de gramíneas secas, por fora criou-se uma alga verde e azul, dando-lhe aspecto formoso, próprio dos beija-flores.

A mãe beija-flor passou quatorze dias incubando os ovos, até que dois pirralhinhos eclodiram para o mundo.

Protegidos das intempéries por duas folhas, os filhotes passavam os dias observando e esperando a alimentação que seus pais regurgitavam nos papos. Do alvorecer ao pôr-do-sol, o chapéu-de-sol, de braços abertos sobre a rua, acompanhava o vaivém das pequeninas aves.

Os filhotes, asseados, desde o nascimento jamais defecaram dentro do ninho; virando a cloaca para o alto e, como uma ampola sob pressão, soltavam o jato que jorrava longe.

Tinha dia que, de tardinha, o dourado-escarlata do horizonte misturava-se com as esparsas nuvens que ardiam no céu, e os pais beija-flores davam vôos curtos, adejavam, beijavam as bagas arredondadas dos frutos, num balé feliz.

Quando os filhotes bateram asas, num vôo estreante, majestoso e corajoso, a mãe saiu chilreando atrás. Medrosa, os fez pousar outra vez no chapéu-de-sol. Alimentou-os e zumbiu suas velozes asas pela vida a fora. Eles a perseguiram.

Assim, o meio ambiente ganhou dois novos moradores: os beija-flores de maio, que se encontram no ecossistema sugando o néctar das plantas e trazendo novas vidas com a polinização.

O chapéu-de-sol ficou sozinho, passou a cumprir o ciclo das estações, desfolhando-se com a chegada do inverno.

Com a arribada das avezinhas, todos nós da Associação ficamos entristecidos. Porém, a vida é assim mesmo: os filhos nascem para o mundo.

Fazenda Mundo Novo I O paraíso é aqui...

Bairro Mundo Novo - Piquete - SP
Tel.: (11) 296-6818 e (12) 3156-8068

www.fmundonovo.cjb.net



Foto arquivo Pro-Memória

A valorização da cultura local, paralelamente à aceitação das diferenças, é fator primordial para o desenvolvimento de uma nação.

Multiculturalismo

O “Relatório do Desenvolvimento Humano – Liberdade Cultural num Mundo Diversificado”, lançado pelo Programa Nacional das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), dia 15 de julho, na Bélgica, entre outros dados divulgados, conclui que “a luta contra a pobreza não será vencida enquanto os países não trabalharem para que suas sociedades sejam culturalmente diversificadas e inclusivas” (Folha de São Paulo, 15-07-04, A11p.).

A conclusão é baseada num estudo da Universidade de Maryland (USA), que mostra que uma em cada sete pessoas do planeta pertencem a um grupo discriminado.

O relatório argumenta que a exclusão social se dá de duas formas: pela rejeição do modo de vida de determinados grupos e da insistência em que todos devem viver conforme o estilo da maioria; e pela discriminação ou desvantagens impostas às minorias nas disputas por oportunidades sociais e econômicas. “Essa exclusão da participação se expressa em políticas discriminatórias – como a negação da cidadania, investimentos em saúde e educação que desprivilegiem determinadas regiões, e desfavorecimento em entrevistas e no pagamento de salário”. Mostra, também, a necessidade de criação de mecanismos na Constituição que reconheçam as diferenças.

A defesa do multiculturalismo surge num momento em que o mundo inteiro se volta para a luta contra a intolerância e o preconceito de todas as formas. Assim, mesmo não sendo unanimidade, o relatório chega para reforçar o respeito às diferentes raças, ao pensamento e estilo de vida de cada indivíduo, que deve ser a meta de qualquer povo desenvolvido, pois opção de escolha é direito universal. Paralelamente à aceitação das diferenças, a valorização da cultura local, com sua preservação e divulgação às novas gerações, é fator primordial para o desenvolvimento de uma nação.

Repensemos, então, nossos posicionamentos discriminatórios frente a culturas, raças e estilos de vida, pois não temos o direito de julgar corretas apenas as posições que nos agradam.

Anotando

A Revolução Constitucionalista no relato de um registro

Julho marca o aniversário da eclosão do movimento constitucionalista de 1932.

Um dos expoentes do tratamento desse evento, Hernâni Donato, registra em sua obra, admitida como referencial básico – A Revolução de 1932 – (Círculo do Livro, Editora Abril, 1982), que Piquete mereceu ser citada por sediar a fábrica de pólvoras (escrito dessa maneira e sem denominação específica).

Diz o autor, à página 129, que aí “os constitucionalistas instalaram posto de comando de setor, visando também a proteger a fábrica de pólvora, necessária ao seu esforço de guerra”. Comenta que “até meados de setembro conseguiram manter a linha defensiva em transversal sobre o vale: Piquete – Túnel – Fazenda Boa Vista – Pinheirinho – Lavrinha – Jataí”. Mas, acrescenta, “a 11 de setembro (1932), essa linha era entregue, sendo que a retirada deu-se de maneira apressada comprometendo a possibilidade de defesa de uma linha de resistência que centralizava-se em Guaratinguetá”.

Discorrendo como em reportagem (jornalista que é o autor), não deixa de lembrar a importância representada pela linha de defesa estabelecida ao longo dos pontos elevados: Gomeira – Cristal – Itaguaré – Gomeirinha. Não cita o Marins.

De Piquete não são feitos maiores nem mais detalhados registros, nem mesmo por imagens fotográficas – embora a obra esteja enriquecida por citações, referências, fotos e outras peças iconográficas das demais cidades do Vale do Paraíba.

Outro registro que, por seu conteúdo, estaria ligado a Piquete, é o de que havia um plano secreto de mudança da fábrica de pólvora para Mauá. Omite a fonte e a

referência fica solta no texto. Contextualizada, representaria uma manobra estratégica. Quem interferiu na proposta ou na não execução da medida? Tudo mergulha na narrativa, sem explicações.

Portanto, uma questão a ser discutida.

Uma a mais nessa nossa história traída por tantos interesses em jogo. História, para ter valor, precisa ser documentada, problematizada. Por isso, a historiografia moderna prefere aprofundar as complexidades subjacentes, para fazer procurar entender o que uma redação, ao alinhavar-se apenas nos registros escritos ou orais, esconde ou manipula, para, apenas, projetar os heróis ou os ícones da classe dominante.

Memória de Suzana

Lá se vai Suzana, se dissolvendo no tempo.

Foi protagonista de uma bela história de amor ao lado do marido, namorado apaixonado.

Leva consigo o retalho de tempo em que se inseriu, sempre vivendo ao lado do ribeirão Piquete, outrora vigoroso, referência da cidade e principal baliza. Mesmo se ausentando por razões profissionais, Suzana continuou moradora da Major Carlos Ribeiro. Testemunhou melhores momentos, quando a vida era mais calma, os vizinhos se respeitavam, se solidarizavam e sentiam-se participantes de uma comunidade. E os motoristas, menos ansiosos...

Resgatando essa memória perpassada pela professora e advogada Suzana M. Beraldo Leite Dantas, registro minha emoção pelos velhos moradores dessa artéria-mãe do núcleo piquetense.

Dóli de Castro Ferreira

Com a destruição da ponte metálica sobre o Paraíba, pelas forças constitucionalistas, em setembro de 1932, houve a interrupção do trânsito Piquete - Lorena. O objetivo dessa ação foi atrasar o avanço das forças federais. Na foto, a locomotiva que servia à Fábrica de Piquete cruza o Paraíba sobre uma balsa.



Foto arquivo Pro-Memória



Foto arquivo Pro-Memória

Da dir./esq.: João Cardoso Filho, Antônio Turco e Werneck. Conhecedores dos caminhos da serra da Mantiqueira e simpáticos à causa paulista, foram aproveitados como batedores durante a Revolução Constitucionalista de 1932.

A Revolução de 1932

Comemoramos no dia 9 de Julho os 72 anos da Revolução Constitucionalista. Este foi um movimento armado, organizado por lideranças paulistas, para se contrapor à tomada do poder por Getúlio Vargas, com a Revolução de 1930.

As oligarquias paulistas haviam perdido poder com a Revolução de 1930, que acabou com uma supremacia de 30 anos de São Paulo e Minas Gerais no poder central – a política do café-com-leite. No poder, Vargas nomeou interventores nos estados. A medida desagradou aos cafeicultores paulistas, que, aliados à classe média, começaram a organizar a reação.

Grupos da elite paulista patrocinaram uma campanha por meio da imprensa, para a convocação de eleições para a Constituinte.

No dia 23 de maio, a Frente Única Paulista promoveu um comício. Durante o evento, houve conflitos entre grupos de revoltosos e aliados de Vargas. Morreram os manifestantes Mário Martins de Almeida, Euclides Bueno Miragaia, Dráuzio Marcondes de Souza e Antônio Américo de Camargo Andrade. Suas iniciais – MMDC – passaram a designar a principal sociedade civil de resistência ao governo central.

Filhos de tradicionais famílias piquetenses aderiram à Revolução Constitucionalista de 32



Foto arquivo Pro-Memória

Cerca de 35 mil combatentes paulistas aderiram à luta, que durou três meses e deixou quase novecentos soldados mortos no lado paulista. As tropas federais dispunham de 100mil soldados em combate.

O resultado da Revolução foi a convocação da Assembléia Nacional Constituinte, em 1934.

Em janeiro último, o governador de São Paulo, Geraldo Alckimin, acrescentou um quinto herói à história da Revolução. Ele sancionou uma lei, no dia 14 de janeiro, que acrescenta a letra A à sigla MMDC. O A representa Alvarenga (Orlando de Oliveira Alvarenga). Ele também teria sido ferido em 23 de maio de 1932, em combate contra tropas aliadas a Vargas e morrido em 12 de agosto.

É oportuno para os piquetenses, a exemplo do que acontece em todo o estado de São Paulo, rememorar o episódio épico de nossa história, que foi a Revolução Constitucionalista. Piquete fez parte do teatro de operações bélicas, não somente pela presença da fábrica de pólvoras, necessária para a causa paulista, mas também pela sua localização estratégica.

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Quatro piquetenses na Revolução de 1932: em pé: José Macedo (esq.) e Venino Vieira. Agachados, Geraldo Crispim (esq) e Brás P. Olivas



Foto arquivo Pro-Memória

Notas da Cidade

□ A FCR foi representada em dois eventos ligados ao Meio Ambiente, durante o mês de julho: em Passa Quatro, MG, Paulo Noia, presidente da FCR, os pesquisadores Dalton e Diana Valeriano, colaboradores da FCR, participaram de encontro em que foi discutido o estatuto da Área de Preservação Ambiental - APA da Mantiqueira. Em Cruzeiro, Paulo Noia participou de reunião organizada pela Diocese de Lorena, em que o senhor Bispo Diocesano, Dom Eduardo Bennes de Sales Rodrigues, falou sobre a Campanha da Fraternidade 2004, cujo tema é “Água, Fonte de Vida”, avaliando os resultados alcançados e pedindo a continuidade dos trabalhos.

□ O Oratório São Domingos Sávio promoveu, entre os dias 12 e 24 de julho, o BOSCOFEST, evento que possibilita momentos agradáveis, em ambiente saudável, de convivência com os amigos. As noites foram animadas por som eletrônico, e os jovens puderam se divertir com diversas atividades. Parabéns aos organizadores!

□ Aconteceu, no dia 25 de julho, a tradicional carreta de São Cristóvão, padroeiro dos motoristas, que percorreu as ruas do município. O término foi no Oratório São Domingos Sávio, com a bênção aos automóveis participantes.

□ Estará acontecendo em São Paulo, entre os dias 07 e 11 de agosto, da Feira de Esportes e Turismo de Aventura 2004. Piquete estará presente com um estande montado pela Fundação Christiano Rosa em parceria com a Prefeitura Municipal. Na ocasião estará sendo lançada uma revista temática, na qual uma página será dedicada a Piquete, com indicação dos pontos turísticos de nosso município e diversas fotos ilustrativas.

Realizada na Centro de Convenções Anhembi, espera receber mais de 100 mil pessoas no período em que estiver aberta ao público. Será uma grande vitrine para o município.

□ Acontecerá, no dia 7 de agosto, a 45ª Romaria Ciclistica “Padre Juca”. Às 2h da manhã haverá queima de fogos, para despertar os participantes, que deverão sair da Praça da Matriz de São Miguel às 3h. Em Aparecida, haverá missa em Ação de Graças e o retorno está previsto para às 13h.

A comissão organizadora dessa romaria é composta por: Sebastião Francisco Inácio, Márcio José Gerônimo, Cristiam Machado, Agnaldo José Almeida, Geraldo Donizete Santana, Joaquim André Ribeiro e Waldir.

□ Entre os dias 05 e 08 de agosto estará acontecendo, na Vila Vicentina, a Festa da Caridade, em honra ao padroeiro São Vicente de Paulo. Participem e estarão colaborando com essa obra assistencial.

□ A Festa do Peão de Boiadeiro de Piquete estará acontecendo entre os dias 20 e 29 de agosto, no Recinto de Exposições Miguel Porcino Ferreira.